



Figura 2 - "Carta D'Água", Isabelle Louise, 2021.

~~Carta D'Água~~
Carta D'Água

Os elementos ~~primordiais~~ do nosso corpo são ~~de~~ natureza! ~~Água, Terra, Fogo e Ar.~~ Quanto de ~~água~~ ^{de quê?} ~~é possível saber?~~

A água compõe ~~70%~~ ^(70%) do nosso corpo ~~(70%)~~, mas como poderíamos transformar em ~~100%~~ ^(100%) Seria por qual estado de transformação da água? Pela vaporização, solidificação, fusão ou sublimação?

~~Gás — sólido — líquido — sólido~~
Se formos constituídos de água, quanto ~~de~~ dessa matéria seria memória? A memória ~~se~~ materializa na água? Como ~~acessar~~ a memória pelas ~~memórias~~ células? Como a memória passa para a água? Como ~~as~~ células ~~se~~ transmutam ~~na~~ ^{na} passagem? O que poderá acontecer? O que já aconteceu? Como ~~as~~ memórias ~~as~~ antigas são? E as recentes?

~~O eco é a repetição ou a distância? Mas, em que momento existe a necessidade de agir?~~

Ao abrir ~~o~~ ^o corpo para transformação, distribuí e alterei ~~as~~ células, renasci da pedra e fui modulada pelo sol. Por breves momentos, ~~eu~~ ^{eu} já estive viva ~~eu~~ ^{eu} fui hidrogênio e oxigênio.

~~Confiar em memórias que não posso averiguar, mas que posso imaginar e utilizar em minha existência. Ativar a vida e cultivar até que cresça ininterruptamente. Temar para se achar. Perpassar o registro da dor.~~

Figura 3- "Carta ao Desejo e à Ânima", Izabelle Louise, 2021.

Cartas ~~ao~~ ao Desejo e à Ânima

Sempre acreditei que ~~eu~~ ^{relacionado} vivo transbordando por algo que ~~me~~ segure. ~~Eu~~ seja pela força da existência que me faça desejar ~~todos~~ ^{hoje} dias. Eu quero que o sol me abrace, enquanto as plantas da janela invadem ~~o meu~~, para que meu corpo ~~seja~~ ^{corpo} derrame ~~por todos os cantos~~ e que, verdadeiramente, eu receba os carinhos de quem me rodeia. Se eu ~~os~~ os tivesse, eu ~~estaria~~ estaria aqui. Existe ali e aqui ^{deserto} uma ansia que pode ser angustiante ou extasiante de estar viva. Afinal, a mesma mão ~~que~~ afaga é ~~que~~ apedreja. Viver é sempre querer algo, de fato, muitas são as vezes que não nos contentamos com o que temos. Nunca gostei ~~de~~ dessa ideia de que ter ~~as~~ ^{ter} coisas que ~~deveríamos~~ devemos e ~~que~~ podemos.

O ânimo é ~~uma~~ malabarista. Como conseguir equilibrar com destreza a vida? Tudo é ~~isso~~ difícil de encontrar ~~isso~~. Desde criança sempre fui considerada desastrada, e olha que de lá para cá nada mudou. Continuo sendo ~~uma~~ levada ~~de~~ ^a procura ~~de~~ ^{entender} os pequenos instantes da vida. ~~isso~~

No fundo eu ~~sempre~~ prometi ~~que~~ ^{eu} assumiria o risco de mergulhar no raso. ^{eis aqui} Nessa queda constante, intento o ânimo e a dádiva de ser o sonho dos meus ancestrais. ~~Essa~~

A força está em toda parte de mim. Corpo esse que atravessa o vento, pois acredita que os pequenos movimentos é que movem ~~isso~~. Sei que mesmo a Terra sendo estável, ela não está parada. Aqui a rotatividade é consoante ao percurso, que ~~isso~~ se modifica sempre. Escolho guiar ~~me~~ pelo que está dentro do meu peito, ~~isso~~ medo. ~~isso~~ esconderijo ~~de~~ mapa. ^{Eu} sou ~~uma~~ bússola.

Figura 5- "Carta para não ter Dor", Izabelle Louise, 2021.

para não
ter
Carta a Dor

Somos mercedários/er
~~Buscamos~~ dos caminhos que ^{tempo} ~~temo~~ traçado e
reverenciado. O tempo ~~com~~ aprisiona e impossibilita
a vida. A partir do momento que seguimos uma cronologia
de envelhecimento, que não respeita os significados de que o fim
seja além do seja fim.

O fim além do fim.

Não quero ser catalizadora de dor ^{das} ~~de~~ ~~continua~~ ~~mas~~ ~~não~~
~~que não se vê~~ ~~existir~~! A eternidade ~~é~~
perpassa imagens que não dão conta ao entendimento de uma
única visão. Como falar do visível pelo invisível?

O que você acredita?

Corpo é multidimensional?

Experiência vivida?

A dor emocional está em nossas células?

Emoções e memórias são armazenadas no

nosso corpo.



Figura 6– “Carta de Descansar para além do corpo”, Izabelle Louise, 2021.

Carta de Descansar para além do corpo

Meus olhos andam viciados ~~em ver~~. É como existissem areias pulando, formando e crescendo ~~dentro dali~~. Tremem, doem, salpicam e respigam. Escolho então ~~fechá-los como ablin~~
~~ainda sempre~~ coisas que não existem, ou que existem, mas não se vê, ouve ou toca.

Lembro do meu ~~o~~, ficou cego ~~50~~ 50 anos, mas sabia as horas ~~e~~ e o que tinha que fazer ~~sem ter a visão pra~~
~~dizer~~. Sabia tudo de olhos fechados, e, definitivamente, não pedia ajuda de ninguém. ~~Mentira~~ Ele me pediu ajuda ~~uma~~ vez, ~~mas só foi mesmo uma~~. Número fechado, individual e único.

~~me~~ me balança na rede?

Figura 7- “Carta ao Silêncio” Izabelle Louise, 2021.

Carta ao Silêncio

Leia em silêncio, ou não. O silêncio ~~é o~~ ^{será} ato de falar? ~~um medo ou um incômodo?~~ ^{o silêncio} ~~é impossível?~~ Poderíamos desassociá-lo da opressão e do silenciamento que é ocultado? ~~É preciso~~ ^{É preciso} falar o que jamais será esquecido, inclusive por quem escreve este texto e por quem o lê.

Contempla os silêncios ~~é desafiador.~~ ^{é desafiador.} Por uns instantes estagnar para observar, perceber e, até mesmo, abandonar o que já nos foi ensinado. Aliás, o silêncio existe? Onde ~~e~~ ^X habita? Qual é a sua aparência, som, cheiro, gosto e textura? Pode dizer, ou é segredo?

Respostas são difíceis ~~de encontrar.~~ ^{de encontrar.} Caso perceba algum silêncio, consentiria? Os silêncios ~~correm em~~ ^{correm em} cada esquina, na procura de um canto para descansar, aguardar ou explodir. Espero que ~~por hoje~~ ^{por hoje} tenha trazido algum silêncio ~~que~~ ^{que} faz-se presente. Assume o oposto, pois o silêncio também é barulho. E espera a resposta, dádiva, anzitese misterio, incôgnita.



Figura 8 - "Carta ao Tempo sem Tempo", Izabelle Louise, 2021.

Carta ao Tempo Dem Tempo

O contato tem algo de muito ~~de~~ e ~~de~~ mesmo sabendo
disso, acabo ~~de~~ deixando ir por esses ~~momentos~~ ^{momentos}. Vou indo ali, aqui
~~de~~ acolá. Abro-me demais, dizem. Mas, ~~de~~
viver o invisível? Aceito minha predisposição ao observar,
comparar, assimilar e renovar. Confesso que nesse exato momento,
minha mente transborda histórias com o que não existe. O
impossível me agrada. O tempo rememora o que minha carne diz.
^{Exuto} ~~de~~ a vida de 500 anos atrás, e insisto em fugir desse mundo.
Desejo a ti ~~de~~ que não me foi ainda dado: ~~de~~ o eterno
retorno.

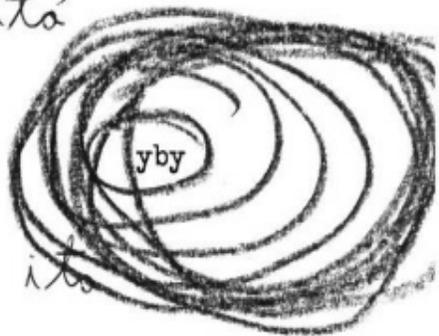
Figura 9- "Carta da Yby", Isabelle Louise, 2021.

yby
Carta da ~~Terra~~

paie' paie' paie'
 posaûb
 posaûsub yby yby yby ybyyby yby yby ybyyby
 posaûsub
 itá itá

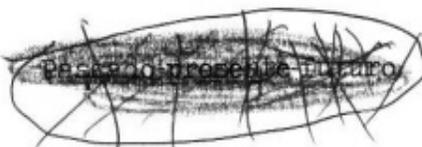
PAIÉ'

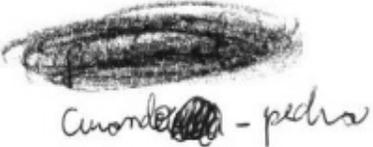
nhé'eng
 N
 H
 E
 'E
 N
 G
 nhé'eng
 paie' posaûsub
 itá
 itá
 itá




falar-nenhor


corpo-tempo-terra-vida-ancestral-coletiva


passado-presente-futuro

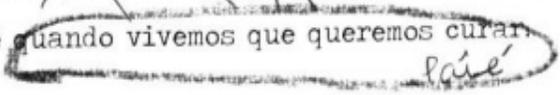

curandeira - pedra

yby
~~me~~ me tem contato histórias!

yby
 A ~~terra~~ é ativa. Os nutrientes não se esquecem dela...
 A tentativa de monocultura, de impor algo homogêneo deixa a ~~terra~~ ^{yby} terra fraca, ela não floresce. Resgatar os nutrientes é ~~curar~~ ^{cura-la} cura-la.


paie'

~~Estamos indisciplinados que nada disso é verdade e fingimos que não sabemos, mas no fundo sabemos. E é de tanto saber, que muito dói. E é quando vivemos que queremos curar.~~


paie'



Em Minas tudo é trem

O mineiro é aquele que nasceu no estado de Minas Gerais, Brasil.

Entre muitas outras coisas, Minas Gerais é famosa pela sua culinária e o povo mineiro pelo seu jeito amigável de ser.

Quando você vai a Minas Gerais, é difícil não se encantar com as belezas naturais, inclusive as montanhas que cercam antigas fazendas e belas cachoeiras.

Entre essas montanhas há muitas minas – de onde vem o nome Minas Gerais. E foi nessas minas que se extraiu grande parte do ouro na época da colonização do Brasil por Portugal no século XVIII.

Além do ouro, existem diversas minas de minério de ferro ainda hoje em Minas Gerais. O minério de ferro é levado de Minas Gerais até o porto de Vitória, localizado no estado do Espírito Santo. Deste porto, o minério é exportado do Brasil para outros países, como a China, por exemplo, onde é utilizado como matéria-prima na fabricação de diversos produtos industriais.

O transporte do minério de ferro entre Minas Gerais e o porto de Vitória acontece pela famosa Estrada de Ferro Vitória-Minas. Todos os dias inúmeros trens de ferro atravessam diversas cidades mineiras e capixabas (localizadas no estado do Espírito Santo) transportando toneladas de minério de ferro.

Quem cresce e mora nessas cidades está acostumado com o barulho e a buzina dos trens e até sabe os horários em que eles circulam.

Dada a importância e presença do trem de ferro em Minas Gerais, os mineiros costumam chamar tudo de “trem”. Em uma conversa com um mineiro/mineira, por incrível que seja, diversas coisas podem ser descritas como “trem”. Por exemplo:

- “Esse trem é bão demais da conta” – referindo-se a uma deliciosa refeição mineira
- “Que trem difícil” – referindo-se a algo que é complicado de resolver
- “Olha que trem mais lindo” – referindo-se a uma paisagem natural deslumbrante

O mais interessante é que pelo contexto da conversa muitas vezes os mineiros entendem o que é o “trem” sobre o qual estão falando, sem sequer descrevê-lo.

Agora você já sabe, quando visitar Minas Gerais ou conversar com algum mineiro, fique à vontade para falar a língua mineira ao substituir o nome de qualquer coisa por “trem”!

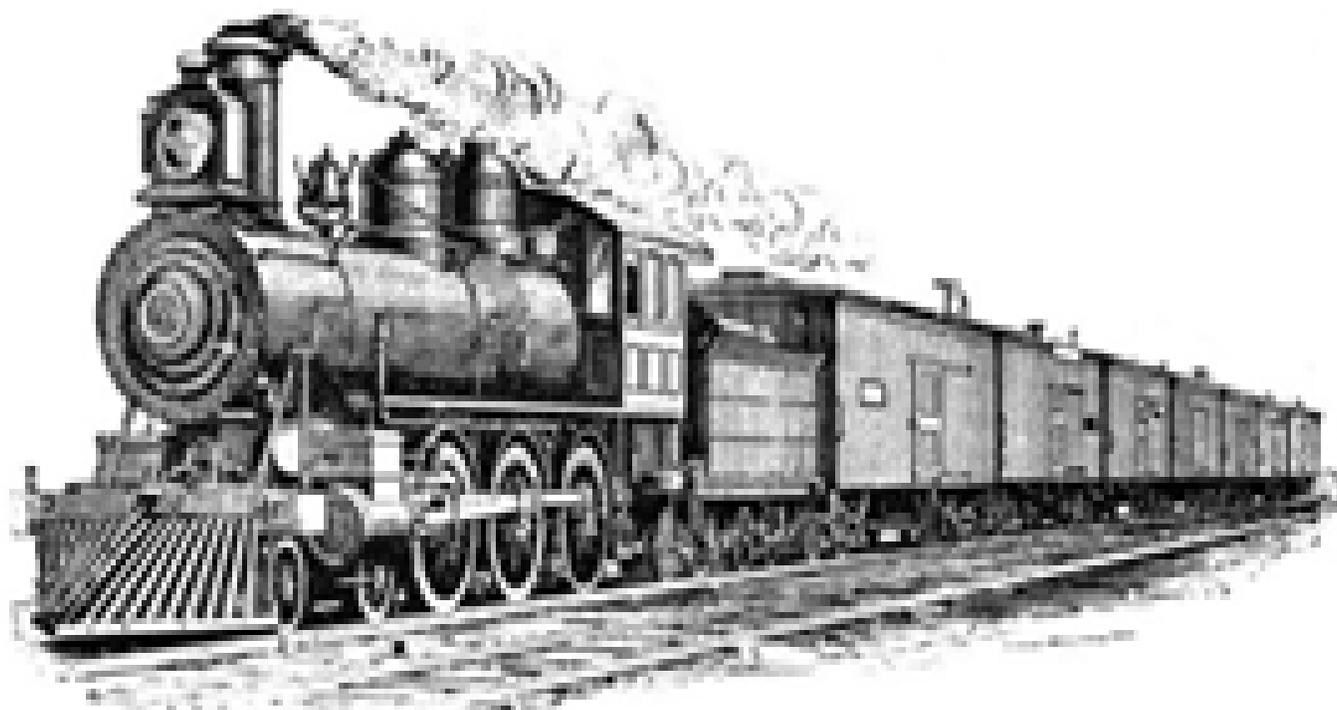


Figura 1 – Maria Fumaça.

Fonte: Gazeta do Povo

(<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/maria-fuma-ca-egidlfa9a33fq1qlr572cn32m/>)

Antonio Martins, nativo do leste de Minas



As ruas de São Paulo brilham com a força do sol.
As luzes à noite são até mais poderosas.
Uma cidade que não dorme, um polvo eternamente acordado.
Depois, um café da manhã cheio de frutas, granola, e pão na chapa.
Música suave tocando ao fundo.
Uma cozinha repleta de pratos coloridos, mangas e mamões maduros, e muitas fotos de praia.
Atrás das grandes janelas, uma selva de edifícios, de todos os tamanhos.
Saindo de um prédio alto, sorrisos largos que demonstram o amor do polvo.
Você sente o carinho e a vontade de tratar os outros bem.
O leve frio nas esquinas, a grande vontade de encontrar uma vida melhor.
O vento que leva você para um abrigo em um café.
Sentado, você pede um açaí com manga, coco, doce de leite e paçoca.
Você paga com o troco que sobrou da festa de ontem onde você pagou a sua entrada e da sua amiga.
Olhando para o céu, você reza pela saúde e bem-estar de seus amigos e familiares.
Chegando na igreja, você reza para um mundo melhor, um pouco mais justo, mares mais amplos, risadas mais longas e um sol mais brilhante.
Finalmente, você volta a olhar para as luzes de São Paulo.



Thais Solomon Marques



Perfect petaled flor
Springs from spongy forest floor;
Shan't crush your pistils

But I want you now,
I said, quietly hoping;
Shan't touch your stamen

Rare suppleness seen
Glowing from humid bathings
Near moist broad leaf sheathes

A brush of color
Silent bursting blossom beams
Spotlit goldrose bloom

I've not seen this bud
Pulsing hybrid radiance
In cold tundra moss

Your beauty pushes
On my chest, an immaculate
Daydream of maybe

Awed, I must learn to
Admire without possession;
My yearn, your death-pluck

Must not interfere,
Perceiving deep maroon roots
Hardy resilience

I can barely breathe
Overwhelmed in your fragrance
Yet sensing your symbol

You are elusive –
Unending calm beyond my
Meek comprehension

You've withstood the
Fires of human anger
And foragers wild

You are solemn joy
Strong in your jungled solace
Purity silent

You are stardust seeds
In new fruition grinning
At longlost comets

Accept my tears of
Longing as water for your
Ancient ripening vines

I will bow in patience
Vowing now not to harvest
Your fertile pollen.

m a r a c u j á

a flor da floresta



rainforest flower

- darele pinto bisquerria ©2024

*The English version is in Haiku form:
5-7-5 syllables within 3 line stanzas.*

*A versão Portuguesa é uma tradução
literal, sem forma de Haiku.*

Uma flor com pétalas perfeitas
Salta, crescente do terreno esponjoso;
E eu não esmagarei os seus pistilos

Eu quero você agora mesmo,
Eu disse, com uma esperança quieta;
Mas, não tocarei em seu estame

Esta suavidade é raramente vista –
Incandescente dos banhos úmidos
Perto dos invólucros das folhas orvalhadas

Um traço de cor pintada,
Esta flor silenciosa e estourando brilha;
Uma floração iluminada na rosa-dourada

Eu não tinha visto este botão
Pulsando um brilho híbrido
Aqui no musgo da tundra fria

Sua elegância me empurra
No meu peito, um sonho imaculado
Um devaneio de talvez

Da reverência, devo aprender a
te admirar sem posse –
Meu anseio, sua morte-arranca

Não devo interferir,
Percebendo raízes vermelhas profundas
Abaixo desta floração resiliente

Eu quase não respiro,
Oprimida pelo seu aroma
Ainda assim, sentindo seu símbolo

Você é elusivo –
Calma sem fim além da minha
Mansa compreensão

Você resistiu
Os fogos da raiva humana
E as forrageadoras selvagens

Você é um júbilo solene
Firme na sua solidão da selva –
Uma pureza silente

Você é as sementes das estrelas
Em uma fruição que sorri
Para os cometas de muito tempo atrás

Aceita minhas lágrimas de saudade
Como água pura para
Suas antigas vinhas maduras

Vou me curvar com paciência
Jurando agora não colher
Seu pólen fértil.



Foi numa noite de Janeiro no Rio de Janeiro. A gente estava tomando algumas cervejas em preparação para o evento de UFC... o primeiro no Brasil desde a pandemia. Logo chamaria Uber até Jeunesse Arena. Seria a primeira vez num evento desse para eu e Gustavo. Depois da saideira depois da saideira a gente se despediu da galera e meteu pé.

O clima foi muito diferente de qualquer outro evento esportivo que eu já fui. Os fãs de luta são um tipo de pessoa mais específica; parece que lutam ou treinam também. E a maneira que os Brasileiros apoiam seus competidores... sinistro! A multidão estava rugindo! Cada vez que o oponente de um Brasileiro entrou, começou o canto, "UH VAI MORRER, UH VAI MORRER!". As lutas excederam expectativas; muito emocionantes.

A verdadeira aventura começou quando meu amigo e eu ficamos sabendo que o primo dele também estava lá. Fuimos conversar com ele, e meu amigo queria ficar um tempo para se atualizar. Mas eu não queria ficar não. Embora que o primo dele e seu mulher era muito gente boa, eu já tinha feito amizade com a menina do lado de nossos assentos. Voltei a trocar ideia com ela, e quando acabou o evento, meu amigo não tinha voltado ainda. Era para ficar esperando ele aí, mas eu fui procurar ele e ele também foi me procurar. Aí nós dois ficamos perdidos na multidão procurando um do outro. Meu celular estava sem bateria então não deu para ligar ele. Eu pedi para usar o celular de um vendedor lá fora. Ele deixou o celular dele carregando com o amigo dele; foi pegar eu fiquei esperando. Alguém chegou em mim perguntando, "Quanto é uma cerveja?". Não fazia ideia, mas respondi um por sete, dois por dez. Depois eu, "Cerveja aqui! Ta geladao!". Na ausência dele eu vendi seis cervejas para ele. Quando finalmente consegui mandar uma mensagem para Gustavo com o celular do vendedor, eu não recebi nenhuma notícia. A internet estava ruim para ele por causa de tantas pessoas no mesmo lugar.

Eu vi um outro cara, um Irlandes eu aprenderia mais tarde, que pareceu perdido também. Falei para ele, "You must be going to Zona Sul too, hey?" Respondeu que sim. Expliquei minha situação, como a bateria do celular tinha acabado, mas se ele conseguiu chamar Uber ou um táxi que eu dividiria com ele. Logo após entrar no uber, ele falou que a noite não ia terminar ainda, e que ele não aceitaria dinheiro para a corona, só uma bebida do bar.



Acredito que já era uma hora ou duas horas da manhã quando nós tínhamos chegado. Eu paguei a bebida e ficamos conversando, conhecendo todo mundo. Empória 37, o bar que estávamos, é um daqueles bares que fica tanto movimentado fora na calçada quanto dentro. Pois foi uma noite muito linda, estávamos fora aproveitando. Sabe como o tempo passa rápido quando está se divertindo? De repente, dei conta do sol nascendo. Agora estava na hora de ir para casa. Eu queria deixar Gustavo saber que eu ainda estava vivo, e contar a história do resto da noite. Deu para andar o caminho até a casa de Gustavo, onde eu estava ficando. Fui embora, andando na orla até a Rua Santa Clara, o tempo inteiro pensando para mim mesmo, “como eu amo o Rio de Janeiro”.



Josh Petrovich



Poemas

The six poems below are my failed attempts to write poetry but also to reflect on the course material. Very often, I found a lot of similar storylines in what we read regarding different countries. While all the poems deal with specific works we discussed in class, specifically some moments that stood out to me, the poems also try to synthesize the shared experience of post-colonial experiences in Mozambique, Cabo Verde, and Brazil.

Araújo chega a Boston

Sob o implacável
inesgotável
invencível
sol nunca cessante
Ele trouxe os bens para casa
Eles podem ter sido bens
Mas estavam longe de serem bons
Ele os instalou do lado de fora de seu escritório
Para as pessoas passarem no verde
E esperarem no amarelo
E esperarem mais no vermelho
Mas pouco sabia ele
Que ninguém vinha
Ele foi para a terra do progresso
Onde o prédio mais baixo era o mais alto em casa
Ele foi encantado pelas luzes de néon
Pelos mulheres, tão descuidadas e livres
Livres do fardo
De ser mãe
De ser dona de casa
De ser forte
Ainda gentil
Elas eram tudo lá
Que elas queriam ser
Ele não falava inglês e ainda assim entendia tudo
Ele não precisava entender muito
As ruas eram grandes
E as luzes de néon eram brilhantes
Os carros estavam por toda parte
Ele nunca tinha visto tantos carros



Ele não conseguia mais pensar
 Como as pessoas levavam suas vidas
 Sem carro
 Cheiro familiar
 O cobriu
 Abraçou-o
 Acariciou-o
 Era como uma canção de ninar
 O cheiro do oceano
 O cheiro de peixe
 Era o mesmo oceano
 Isso então significa que era a mesma terra?

The poem is inspired by the movie *Testamento*. I thought it was interesting how Araújo's return to Cabo Verde from Boston was portrayed. He brought home a lot of things that worked in America but nothing that could be useful for his life in Cabo Verde. It is also a recurring theme for a lot of postcolonial Lusophone places to bring technology and industrial production to their respective countries from abroad, including from the US. There is this theme of globalization and Americanization that is true not only for Lusophone countries but for many countries across the globe. That is one of the things that I tried to highlight in this poem.

We also know that Araújo is quite a womanizer (in my opinion at least) so that made it to the poem too. I tried to show the difference between Cabo Verdean women and women in Boston. We can gauge that difference when the singer came to Cabo Verde to perform from Boston. She is certainly a different type of woman and things are certainly different in Boston at the time than they are in Cabo Verde. There are a lot of very strong female characters in the movie, including Araújo's daughter, Maria da Graça, but the societal position of a woman and a man seems to be different in Cabo Verde, more conservative.

I also find the connection between Massachusetts and Rhode Island and Cabo Verde very interesting—the connection between whaling and the sea. It seems that Araújo, despite the US being a very different country, could find that connection across the ocean. I was very inspired by the idea from *Sleepwalking Land* by Mia Couto about the ocean being off national limits and instead of being a divider it often unites people. I think it can be applied in this situation as well with Cabo Verdean immigrants in New England and their homeland. I tried to bring this theme of people across the ocean being united, instead of separated in the poem.



Alegria, Alegria

Estavam tão assustados
Com a coca-cola
Eles me perguntaram por que escrevi uma música sobre isso
Mas afinal de contas
O que a coca-cola tinha a ver com tudo
E a guitarra elétrica também
Não há
algo belo sobre
um som que todos no mundo conheceriam
um sabor que todos no mundo conheceriam
por que a música tem que ser de uma certa forma
que não é algo que todos no mundo conheceriam

The poem is inspired by the movie *A Night in 1967* and specifically Caetano Veloso's remarks in it and his song *Alegria, Alegria*. Veloso is not against the westernization of Brazilian music which was happening in the 60s and 70s. There were many critics and many efforts to create a new traditional Brazilian music that is both modern but also uniquely Brazilian. It seems to me that Veloso and Gil both just wanted to have fun with music, beyond the nationalist agenda. They were inspired by the Beatles and American music. In Veloso's song *Alegria, Alegria* he mentions Coca-Cola, the epitome of Americanness, for which he receives some questions at the Brazilian Popular Music Festival. He is not particularly discouraged by these subtle provocative remarks.

The electric guitar in the poem also refers to the march against the electric guitar, in which a lot of people participated (Gilberto Gil included). Some of the people had very strong opinions about the Americanization that the sound of the electric guitar represented. They wanted to protect this national idea of Brazilian music being solely Brazilian, without any Western inventions like the electric guitar. Veloso was strongly against the march and found it to be a little ridiculous, but Gilberto Gil was sucked into it, though he did not have a strong opinion. Eventually, both Veloso and Gil started a *Tropicália* movement that combined both Brazilian traditions and global trends, including from the UK and the US.



1967

Não importa o que digam
Nós não ouvimos
Ou ouvimos
Mas deixamos sair pelo outro ouvido
Nossa música é o que eles não podem tirar
Não se trata de samba
Não se trata de bossa nova
Não se trata dos Beatles
Trata-se de diversão
Nossas roupas não devem te perturbar
Se algo
Você precisa de um pouco de cor na sua vida
Você precisa de algo novo
Algo que você fez
Não algo
Que eles disseram para você fazer

This poem, similar to the previous one, is about Tropicália. Tropicália is a counter-culture movement, a resistance to dictatorship in Brazil. The poem also mentions other music genres, such as samba and bossa nova, as well as some inspirations for Gilberto Gil in particular for the tropicalismo songs, such as the work of the Beatles. Bossa Nova had a lot of criticism and samba was getting old (it never does, I know, but they also wanted some new genre in the Brazilian music scene). I explore the relationship between political freedom and resistance as expressed through music. Tropicalismo is a form of resistance and the music was not accepted by everyone. In A Night in 67, Chico Buarque also mentioned an interesting moment about the clothes that the tropicalismo performers wore so that made it to the poem as well. After all, all music genres have their dress code.



As Ruínas

Caminhando à beira da estrada
Vejo um ônibus
Vejo os corpos
E viro-me
Para vomitar
Não pense que não estou acostumado com isso
Estou acostumado
Já vi a morte e já senti seu cheiro
Mas isso me afeta toda vez
Já vi corpos mortos
Mulheres, homens, velhos, jovens, crianças, cachorro
Todos eles
Meu irmão viveu a vida de um frango
Mas de certa forma todos vivemos essa vida
Tentamos nos esconder
Tentamos sobreviver
Não nos destacamos
Para que não nos vejam
Não é que tenha medo de morrer
Até posso querer
Isso poderia facilitar as coisas
Porque estou cansado
De caminhar milhas todos os dias
Para encontrar uma única colheita



This poem is also inspired by *Sleepwalking Land*, with the stories of Muidinga and Kindzu intertwined. From Muidinga we get the story of the bus and of travel and from Kindzu we get the bother in the chicken costume and travel as well. I think overall, Muidinga and Kindzu share a lot of similarities and since their paths eventually crossed, I decided to make them combined here as well. Here I'm talking about the hardship of the civil war and the decay of society. Deaths, destruction, hunger, and fatigue are all present in the main characters. One can certainly say that they have gone through hell. This is not a poem that promises a happy ending, nor it is the one that has a lot of hope. I think at times the characters were almost at the point of giving up, even though they did have something that held them back from giving up: for Kindzu it is his dream of being a warrior at first and then his promise to Farida; for Muidinga it is Kindzu's journals and learning more about his life before Tuahir found him. The poem is disturbing because that is probably the word that best describes a lot of parts of the book — disturbing. The reader is meant to be disturbed. It is the only way to show the horrors of the war.





Oceano Índico

Vejo cores
Mesmo que tudo esteja desbotado
Mas a cor mais brilhante
Ainda é o oceano
Talvez porque mude de cor
Mude de humor
Um dia está triste
Um dia está zangado
Um dia está claro
Outro dia corpos flutuam nele
O cobrem de sangue
Mas ele permanece azul
Um azul verdadeiro
Ele me disse uma vez
Que apesar das nossas cores diferentes
Compartilhávamos o mesmo oceano
O Oceano Índico
Batizado com o nome de seu país
Ele pertence a você, eu disse
Ele não pertence a ninguém, ele disse
Nós pertencemos a ele, ele disse
Então eu saí de sua loja
E olhei para o oceano
O azul profundo
Estava quieto hoje
Era um dia tranquilo
E eu pensei
É bom pertencer a algum lugar



Similarly to the Atlantic Ocean uniting the US and Cabo Verde, the Indian Ocean is uniting Mozambique and India. This poem is closely related to the conversation between the Indian merchant Surendra and Kindzu in *Sleepwalking Land* (Couto 21). I think undoubtedly, it is a scene that stands out in the book along with all the sad and violent scenes. It is a little breath of fresh air, the idea that besides the destruction there is something beautiful out there that brings people together. I found the whole storyline about the ocean very interesting and given the context of *The Murmuring Coast* by Lídia Jorge, the ocean plays an important role in literature about Mozambique. Sadly, Kindzu was the only person open to listening to what Surendra had to say when he had such beautiful and wise things to share with the world, such a pity that because of his ethnic identity and appearance, he was treated differently.





Quem matou Cão-Tinhoso?

Corpo tremendo
Não por medo
Não por morte
Já se espalhando em cada célula de seu corpo
Não emocional
Não consciente
Apenas uma resposta do corpo
Isso é tudo o que resta
Apenas uma resposta do corpo
Apenas um corpo
É o que resta
Quem segurou a arma contra ele?
Fui eu quem segurou a arma?
Quem chorou ao longe?
Fui eu quem chorou?
Por que o matamos
Quando poderíamos tê-lo libertado
Por que pegamos as armas
Quando poderíamos tê-lo curado
Em vez disso, escolhemos fazê-lo desaparecer
É assim que se resolve os problemas?
Aponta uma arma para ele e atira?
Talvez tenhamos matado Cão-Tinhoso
Ou talvez tenhamos matado a própria alma de nossa nação

This poem is inspired by the short story *We Killed Mangy-Dog* by Luis Bernardo Honwana. Mangy was killed by a group of school children; they were told to do so. Mangy was a sick dog with a lot of visible wounds. He was not loved by anyone, except for one girl at school who was also not particularly loved by anyone at school. It is a heart-wrenching story, very violent, even though it only involves the death of an animal who was probably going to die anyway. One can argue about what Mangy-Dog could've represented in the short story, if anything. One potential interpretation was that Mangy-Dog represented colonialism that had to be killed with violence, completely uprooted, and shot in the head. Even if it requires sacrificing an emotional attachment that centuries of colonialism have brought to Mozambique.



There is often that vision that the colonial past can blend in with the postcolonial experience, that one can exist alongside another, but real independence comes with ripping off that band-aid or killing off that dog.

Another way to interpret the death of the dog, and the way I read it at first, is Mangy representing the Mozambican nation. The nation is deeply wounded but it can be healed. It is wounded not only by centuries of exploitation but also by the civil wars that divide society. This poem is written with this interpretation of what Mangy-Dog really is. To me, he represents a nation covered in violence that needs to be stopped in order to heal. Killing the dog did not solve societal problems it only brought emotional distress, division within the group (like the protagonist and other boys) similar to the divide between RENAMO and FRELIMO, and above all, more casualties.

Bibliography:

"A Night in 67." Directed by Domingos Oliveira and Ricardo Calil, performances by Gilberto Gil, Caetano Veloso, and Os Mutantes, 2010.

Couto, Mia. *Sleepwalking Land*, translated by David Brookshaw, *Serpent's Tail*, 2006.

Honwana, Luís Bernardo. *We Killed Mangy Dog and Other Stories*. Heinemann, 1969.

Jorge, Lidia. *The Murmuring Coast*. Univ Of Minnesota Press, 1995.

Manso, Francisco, director. *Napumoceno's Will*.

Veloso, Caetano. "Alegria, Alegria." *Álbum Tropicália ou Panis et Circensis*. Universal Music, 1968.



ENTREVISTA COM MALVINA SOUSA, ESCRITORA AÇORIANA

No outono passado (2023), no âmbito dos eventos do Clube Lusófono, tivemos a oportunidade de conversar com a escritora açoriana Malvina Sousa durante a aula de Port 310 (Advanced Composition and Conversation), autora do livro ***Até que a violência nos separe*** (2019). Os alunos de Port 310 tiveram a oportunidade de ler o primeiro capítulo do livro e os alunos da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) leram o mesmo capítulo traduzido para inglês. A violência doméstica era um dos temas agendados para a interação em tempo de aula entre os alunos de Port 310 e os alunos da UFMS.

Depois de o semestre ter terminado, a professora Susana Antunes lançou-me o desafio de entrevistar Malvina Sousa. Ainda que com receios, aceitei o desafio.

Quero agradecer a oportunidade enriquecedora que tive e gostaria também de agradecer à Malvina Sousa toda a sua simpatia e flexibilidade na marcação de encontros online para que a entrevista acontecesse.





Se bem que seu livro centra as relações íntimas e a vida doméstica, muitas cenas nela incluem pontos geográficos e culturais dos Açores. Por que você enfatizou tanto esses aspetos no texto?

Sendo dos Açores, e adorando este Arquipélago, eu faço questão de, sempre que posso, mencionar na minha escrita aspetos das ilhas, em particular daquela em que vivo: São Miguel. Por um lado, acho que os açorianos, ao lerem o livro e reconhecerem locais, tradições ou outros aspetos referidos sentem uma maior ligação com a escrita, como se fizessem parte do que está escrito; por outro lado, espero que as pessoas que não forem de cá sintam, desta forma, vontade de ficar a conhecer as nossas ilhas e que, de alguma maneira, fazem parte da história, dos locais e de tudo o que é referido.

E, na verdade, o feedback que eu tenho tido acerca do livro confirma isso: leitores açorianos confessaram que, durante a leitura, sentiram que estavam a passear pela ilha e que era muito bom reconhecerem sítios ou diversos aspetos mencionados e gostaram que isso acontecesse, gostaram de sentir “familiaridade” naquilo que liam; outros leitores, muitos que não vivem cá, ou vivem, mas nasceram noutras locais, mencionaram que era importante e enriquecedor o facto de o livro fazer referência a estes aspetos, ser portador dessas singularidades e tradições, desses costumes.

Eu acho que a escrita também tem este papel, o de dar a conhecer particularidades de um país ou de uma região e ***Até que a Violência nos Separe*** tem muito disso, seja na referência a locais, seja relativamente a questões culturais, que surgem em eventos da história, em personagens, em lendas que fazem parte das nossas ilhas e até em comportamentos e atitudes de algumas personagens.

Quais foram os episódios que a motivaram a escrever sobre a violência doméstica?

Em primeiro lugar, a temática é, só por si, merecedora de referência e destaque. Para além disso, há muitos anos, enquanto ainda estudava, trabalhei com algumas vítimas. Por isso senti que era preciso escrever acerca do assunto, porque considero que a escrita também pode ser interventiva, na medida em que a podemos usar para chamar a atenção de aspetos que merecem a nossa ação, no sentido de melhorar o que se passa. A escrita deve falar do que está bem e agir para melhorar o que não está!



Foi tanto o contato com as vítimas quanto os relatos das notícias que inspiraram o conteúdo do livro?

O livro foi escrito uns cinco anos antes de ser lançado. A certa altura, começaram a aparecer, diariamente, notícias na televisão acerca de vítimas de violência, inclusive vítimas mortais. Senti que tinha mesmo de fazer algo, que este seria o meu meio de alertar para este problema dramático.

Para além disso, um outro aspeto que mexeu comigo nessa altura, foi verificar que passados tantos anos, se continuam a ouvir as mesmas histórias de violência ou, pior, que estas ainda adquiriram contornos mais dramáticos. E afligiu-me (e continua a afligir-me) perceber isso. Tal como me preocupa que este seja um assunto tantas vezes esquecido, apesar de toda a problemática que o envolve... e as pessoas não podem continuar a fingir que está tudo bem, e que não têm nada a ver com isso.

Assim, o livro tornou-se a minha forma de, tanto quanto possível, eu lutar contra isso.

Pode falar um pouco mais sobre a origem das personagens e suas histórias?

Se me pergunta se as histórias das vítimas que surgem no livro são reais, a resposta é não, as personagens são todas ficcionais e nenhuma delas se refere a alguma pessoa que eu tenha conhecido. No entanto, são personagens que “assimilaram” a realidade, ou seja, o que se passa no dia a dia, nas notícias que lemos ou vemos. Tudo isso não deixa de constituir inspiração quando se escreve. Toda a vida que nos rodeia, para o bem e para o mal, pode servir de inspiração.

Gostaria de saber mais da profissão que você exerce.

Eu sou professora e adoro aquilo que faço. E, naquilo que faço, coloco muito de mim e da pessoa que sou, e procuro, todos os dias, construir um mundo melhor com as pessoas que tenho à minha volta.



Lendo seu livro, eu notei seu uso amplo de “nós”. Na narração, parecia que falava sempre “nossas vidas” “nossos desafios”, frases assim. O que te motivou para fazer essa escolha estilística?

Eu acho que a escrita também pode servir para motivar as pessoas (seja a poesia, seja a prosa). Se nós fizermos as pessoas sentirem que não estão sozinhas, que têm uma rede de apoio, que existem muitas outras pessoas que sentem e vivem as mesmas coisas... estas conseguem ter mais força ou motivação para irem em frente, para mudar as situações.

Para além disso, esta postura também tem a ver muito com a minha forma de ver a vida, de acreditar que todos nos podemos ajudar uns aos outros, ser melhores uns para os outros e creio que isso está a faltar muito hoje em dia. É importante que tenhamos a capacidade de ajudar o outro sem esperar nada em troca. Apenas por ajudar. Eu defendo e acredito muito nisso.

E, no livro, isso acontece. Há pessoas a ajudarem as outras. Simplesmente para que estas possam ter uma vida melhor. Não é o suficiente?

No livro, também procurei mostrar as saídas, as opções, até para que as vítimas (se alguma vítima ler o livro) se sintam mais amparadas. Quando a personagem principal precisa de ajuda, ela vai falar com determinadas pessoas que lhe dão informações importantes: há apoio financeiro, psicológico... a ajuda pode ser dada de diferentes formas e em diversas vertentes. E é preciso que as pessoas saibam isso. Que não estão sós!

Você aponta o papel do álcool nos momentos de abuso cometidos por Ricardo no livro. Pode falar mais sobre isso?

Sim, porque de facto, muitas vezes, a bebida é apontada como uma desculpa para que a violência aconteça. E isso surge no livro porque é uma realidade. Seja cá, seja noutros locais. Os agressores usam muitas vezes essa desculpa, dizendo que a culpa de terem agido mal está na bebida. Para além disso, também quis denunciar o facto de alguns desses comportamentos até serem, muitas vezes, vistos quase como socialmente aceites devido à educação que as pessoas têm ou a aspetos culturais. Vejamos, por exemplo, o facto de a mãe da nossa protagonista normalizar a situação, desculpabilizar e até dizer à filha que ela tem culpa do que acontece... e, depois, percebe-se que ela também já tinha passado por isso... e que este flagelo vai passando de geração para geração.



Tem uma ideia antiga que só obedecendo vai poupar uma pessoa de abuso, mas não existe grau de obediência que vá poupar Maria do abuso que ela sofre. Ela tenta rotinizar e padronizar sua vida por completo e ainda não pode se salvar.

A ideia também era denunciar isso: as vítimas, muitas vezes, acabam por achar que não merecem mais do que aquilo que têm, e acreditam que têm de mudar a sua forma de ser para agradar o outro. Mas é preciso que se perceba que não vale a pena nós tentarmos mudar quando não somos o problema. Aliás, há uma parte no livro em que a nossa personagem diz isso, que já não procura desculpas ou justificações para as atitudes dele (a violência acontecia sem razão alguma, apenas porque ela não tinha passado a camisa que ele queria, por exemplo) ... a verdade é que não havia desculpas para o que ele fazia, ele apenas “inventava” razões. Não há desculpas para a violência.

Então quando se trata de Ricardo, é evidente que ele é imprestável e altamente perigoso. Mas não acha que a situação que a maioria das mulheres enfrenta é mais ambígua que essa? Que conselhos você daria para as mulheres que lidam com abusadores que não apresentam a mesma ameaça mortal?

É preciso percebermos que esta personagem tem um problema.

Para além disso, note-se que eu fiz questão de mostrar muitas outras vítimas no livro, inclusivamente masculinas. Há vítimas de diferentes géneros, idades, classes, assim como somos confrontados com diferentes tipos de violência (física, social, verbal, psicológica...) ... quis, com isso, acabar com ideias preconcebidas. Quis mostrar que a violência não tem idades, não tem raças, não tem classes, não tem géneros... Porque existe muito esta noção. Por isso eu procurei mostrar vítimas totalmente diferentes em diversos aspetos.



Você inclui no enredo uma personagem que resiste a ofertas de ajuda. Qual é o papel da negação no texto?

Muitas vezes há esse processo de negação, ou seja, a pessoa procura convencer-se de que tudo está bem ou vai ficar bem. Ou tem vergonha de reconhecer o que se passa. E é com esta personagem que nos são apresentados vários e diversificados sinais de que existe violência. Tal como acontece no dia a dia. E há pessoas que conseguem ver estes sinais, outras não. O livro também apela a que as pessoas vejam os sinais de violência e que, assim, possam agir atempadamente.

É engraçado como os jovens, com muito mais frequência que os adultos, conseguem reconhecer os sinais... é preciso é que façam alguma coisa quando tal acontece!

Com as palavras de Malvina Sousa relativamente à forma como os jovens identificam o assunto chave desta entrevista e do livro em questão, resta-me agradecer de novo a oportunidade e remeter os nossos leitores para a leitura integral do livro de Malvina Sousa, Até que a violência nos separe. Esperamos que esta entrevista tenha contribuído para esclarecer um pouco mais acerca do assunto da violência doméstica e para aumentar a curiosidade para a leitura deste livro de Malvina Sousa. A não perder!

Cristóbal Matibag, Iowa



25 de Abril



Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo

*Sophia de Mello Breyner Andresen,
In 'O Nome das Coisas'*

Leitura do poema aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=ZR1KuG2aqoo>